



Paulo Timm: "Festa se faz em local apropriado e não em áreas residenciais"

Produtores reclamam de burocracia

Há pouco mais de cinco anos, cinco aniversariantes se reuniram para promover a Festa dos Taurinos, em uma mansão na QL 24 do Lago Sul. Cada aniversariante teve direito a 120 convidados, totalizando 600 pessoas. Do lado de fora do portão, outras 600 pessoas se espremiavam tentando comprar ingressos.

Essa foi uma das primeiras festas *Open bar* de Brasília, em que a pessoa paga a entrada e tem direito a bebida e comida. Do grupo promotor fazia parte o advogado Guilherme Costa, que até hoje nunca encontrou dificuldades para promover diversão.

Para Guilherme, há maneiras de

evitar aborrecimentos. "O importante é que se converse com os vizinhos antes. O problema é quando existe alguém de mal com a vida. Aí, sim, a coisa complica".

A produtora Teresa Rollemberg também acha que não se pode ficar refém de vizinho mal humorado. O Park Way, ela avisa, com lotes de 20 mil quadrados, é um dos melhores locais para festas. "Não tem como incomodar, porque ainda existe uma área grande dividindo um e o outro terreno. E eu ainda mandei colocar um toldo com cobertores para abafar o som. Mas, mesmo assim, ainda tem quem implique", .

"O que mais existe em Brasília é muita proibição e burocracia", disse o empresário Sérgio Monday, responsável pela Micarecandanga, festa que este ano reuniu 500 mil pessoas no Caldeirão da Folia. "Acho lamentável essa proibição em uma cidade jovem, que tem vida própria independente desse lado burocrático. Enquanto um ou dois ficam insatisfeitos, quantos não ficam felizes com as festas", complementou.

Festa é coisa séria, argumenta o dono da Warm Up promoções de eventos, Ronald Rufino de Carvalho. "Essas festas inundaram o mercado de gente sem a menor expe-

riência, principiantes mesmo, que não se preocupam com a vizinhança, com estacionamento alternativo, manobristas e seguranças. As pessoas têm que saber quem está assinando embaixo para ter a quem cobrar. Porque se for um caça-níquel, vão levar gato por lebre".

Já o empresário Gilberto Salomão bate em outra tecla: "O maior crime contra Brasília são essas festas pagas. É por isso que muitas boates estão fechando, porque eles faturam alto e não pagam impostos. Além disso quem compra uma casa ou uma chácara quer sossego. E não essa amolação toda na porta de casa". (MG)